



Teologia Feminista no Mestrado Acadêmico e a influência da Política de Justiça de Gênero

Feminist Theology in the Academic Master and the influence of Gender Justice Policy

Taiana Luisa Wisch*

Resumo: Este trabalho é uma parcela pequena de uma grande pesquisa elaborada pelo Professor Doutor André S. Musskopf, que analisa os impactos da Política de Justiça de Gênero na Faculdades EST. A pesquisa foi documental com suporte bibliográfico e analisou todas as dissertações do Mestrado Acadêmico disponíveis no acervo da Biblioteca da Faculdades EST desde 2013 até o ano de 2017. Todos os dados colhidos e analisados foram comparados com os dados da pesquisa publicada “Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST”, que também é da autoria de André, e comprova que a implementação da PJG aumentou o diálogo a respeito de temas como gênero e religião e que, esse fato, influenciou no número de trabalhos escritos na área de Teologia Feminista.

Palavras-chave: Teologia Feminista. Mestrado Acadêmico. Análise de dados.

Abstract: This work is a small part of a large research prepared by Professor André S. Musskopf, which analyzes the impacts of the Gender Justice Policy at Faculdades EST. It was a document research with bibliographical support and analyzed all the thesis of the Academic Masters program available in the collection of the Library of the Faculdades EST from 2013 to 2017. All the data collected and analyzed were compared to the data of the published research “Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST”, which is also authored by André, and proves that the implementation of the GJP increased the dialogue on issues such as gender and religion and that this fact influenced the number of papers written in the area of Feminist Theology.

Keywords: Feminist Theology. Academic Masters. Data Analysis.

* Graduada em Teologia na Faculdades EST, bolsista de Iniciação Científica da FAPERGS. E-mail: taiana.luisaa@gmail.com

Considerações iniciais

O presente trabalho faz parte do Projeto de Pesquisa do Professor André S. Musskopf, que analisa os impactos e mudanças ocorridas na Faculdades EST a partir da implementação da Política de Justiça de Gênero, em 2014.

A Política de Justiça de Gênero foi implementada na Faculdades EST no ano de 2014, ela é um “documento institucional construído comunitariamente que define e regulamenta a implementação da justiça de gênero como princípio teológico, pedagógico e ético a ser materializado nos documentos normativos institucionais, nas ações realizadas pelos diferentes setores de trabalho da instituição.”¹

Essas mudanças podem ser observadas em atitudes, quadro de funcionários e funcionárias, uso de linguagem inclusiva e na ocupação equitativa de cargos, mas também na produção de trabalhos acadêmicos no âmbito dos cursos de graduação e pós-graduação. Nesse trabalho serão analisados as Dissertações de Mestrado concluídas no período de 2013 a 2017, observando-se a temática, a área, a autoria e a orientação. Os dados analisados serão comparados aos dados já apresentados e publicados no livro “Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST”² que apresenta os dados do período de 1991 a 2012.

Trata-se de uma pesquisa documental com suporte bibliográfico, realizada a partir de dados disponíveis no catálogo da biblioteca e nos trabalhos pesquisados. Por fim, após a comparação, será possível perceber se a implementação da Política de Justiça de Gênero teve um impacto no número de trabalhos produzidos na área da Teologia Feminista ou que possuem alguma discussão de gênero.

A pesquisa identificou 82³ trabalhos no acervo da Biblioteca da Faculdades EST, assim distribuídas:

Figura 1: Tabela de autoria e orientação

Autoria		Orientação	
Homens	Mulheres	Orientadores	Orientadoras
54	24	64	14

Fonte: Elaborada pela autora.

¹ POLÍTICA de Justiça de Gênero na Faculdades EST. Disponível em http://www.est.edu.br/ouvidoria/template/docs/Politica_Justica_de_Genero-final.pdf.

² MUSSKOPF, André S. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST*. A construção de uma área do conhecimento. São Leopoldo: CEBI, 2014.

³ Quatro dissertações não foram identificadas e nem encontradas no acervo da Faculdades EST, por isso trabalhar-se-á com 78 dissertações.

Percebe-se aqui que o número de homens (69%) que cursam o mestrado é significativamente maior que o de mulheres (31%). Esse é um dado muito diferente do dado apresentado no livro *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST*⁴. Na pesquisa apresentada no livro que será usada como base, feita a partir do período de 1991 – 2012, o número de dissertações escritas por homens e mulheres era relativamente equilibrado (homens 55% - mulheres 45%), portanto, é possível afirmar que o número de mulheres no Mestrado Acadêmico tem diminuído significativamente.

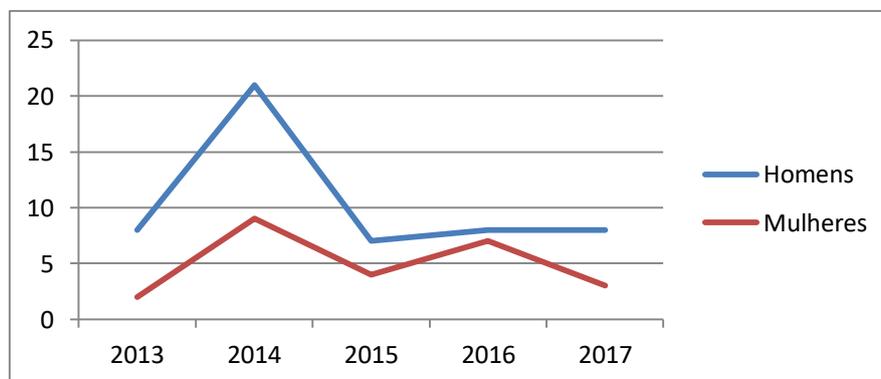
Figura 2: Tabela sobre mulheres nas referências

Área do Conhecimento			Referências	
TB	TP	TS	Presença de autoras	Ausência de autoras
11	52	15	78	0

Fonte: Elaborada pela autora.

Uma percepção positiva é que todos os trabalhos possuem pelo menos algumas mulheres nas referências e que a área em que mais são feitos trabalhos é na área de Teologia Prática; isso também é semelhante à pesquisa base.

Figura 3: Gráfico de trabalhos escritos por ano



Fonte: Elaborada pela autora.

O aumento dos trabalhos feitos por mulheres diminuiu no ano de 2017, diferentemente dos trabalhos feitos por homens que se manteve igual. Este também foi o único ano em que houve mudança nos padrões: até 2017 ambos cresciam e ambos diminuam. O único período em que o número de trabalhos escritos por mulheres superou os escritos por homens foi entre os anos de 1997 e 2009 como apresenta a pesquisa base.

O número de orientações feitas por homens se manteve igual ao da pesquisa base e, em ambas as pesquisas, percebe-se que 80% dos trabalhos são orientados por homens. Os 14

⁴ MUSSKOPF, 2014.

trabalhos orientados por mulheres estão sob orientação de apenas 3 professoras, número muito menor do que as 9 professoras orientadoras da pesquisa base. Porém, vale ressaltar que estas 3 professoras orientam os mesmos 20% das dissertações escritas, assim distribuídas:

Figura 4: Tabela de orientadoras

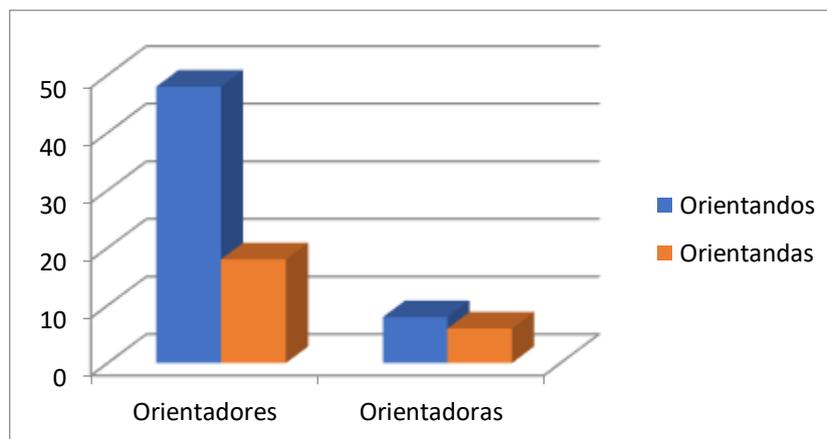
Orientadora	Número de dissertações
Gisela I. W. Streck	5
Laude Erandi Brandenburg	8
Valburga Schmiedt Streck	1

Fonte: Elaborada pela autora.

Um aspecto que vale ressaltar é que a pesquisa base contempla o período de 1991 até 2012, ou seja, 21 anos. Já a presente pesquisa abrange um período de apenas 5 anos (2012 – 2017), este fato comprova que o percentual de trabalhos orientados por mulheres aumentou.

As pessoas que buscam orientação estão assim divididas:

Figura 5: Gráfico de orientandos e orientandas

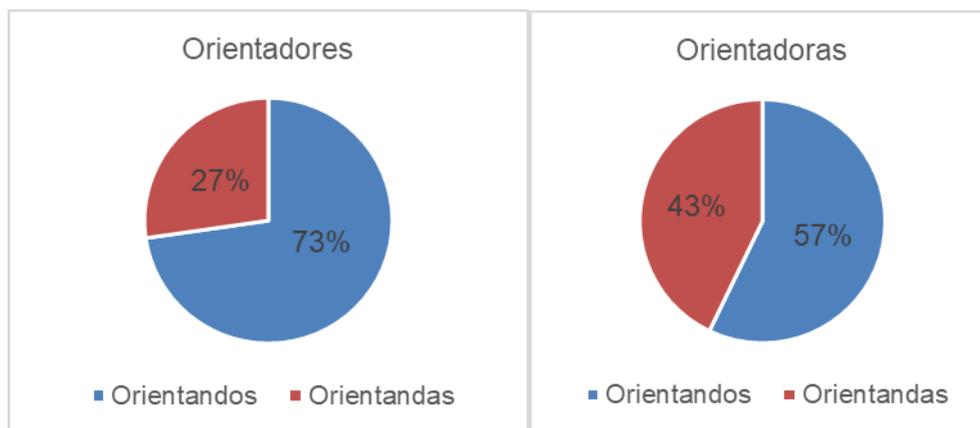


Fonte: Elaborada pela autora.

Dos 14 trabalhos orientados por mulheres, 57% são escritos por orientandos homens e 43% escritos por orientandas mulheres. Esse é um fato muito diferente dos resultados apresentados na pesquisa base em que o número de estudantes mulheres orientadas por docentes mulheres era o dobro do número de estudantes homens orientados por docentes mulheres. Em relação aos trabalhos orientados por homens, em ambas as pesquisas o número de orientandos é maior que o de orientandas. Entretanto, se trabalharmos com porcentagens o resultado será diferente.



Figura 6 e 7: Gráficos orientadores e orientadoras

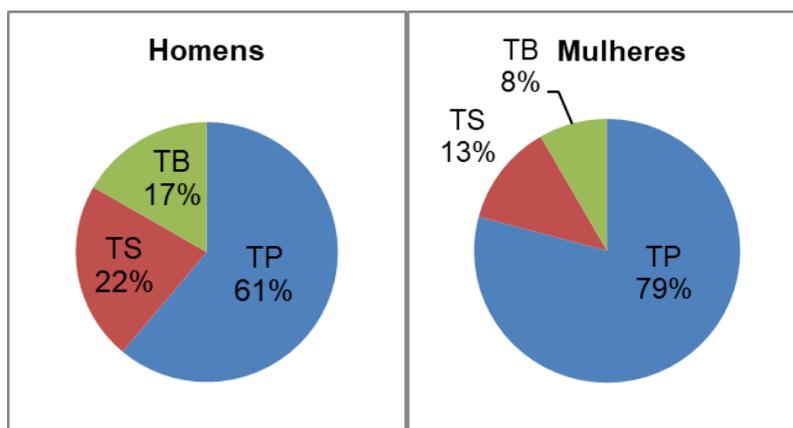


Fonte: Elaborada pela autora.

Estatisticamente falando, é possível perceber através dos gráficos que mesmo que a maioria dos trabalhos seja escrito por homens, a porcentagem de mulheres que procuram orientadoras mulheres é significativamente maior que o de mulheres que fazem suas produções com orientadores homens.

Em relação a área do conhecimento, a maioria absoluta das dissertações produzidas foram desenvolvidas na área de Teologia Prática (67%) em comparação às demais: 14% na área de Teologia Bíblica e 19% na área de Teologia Sistemática. Esse índice elevado, demonstra que a área da Teologia Prática é a que mais tem produção tanto por homens quanto por mulheres. No entanto, são as mulheres que mais escrevem sobre a área prática.

Figura 8 e 9: Gráfico de área de pesquisa para homens e mulheres

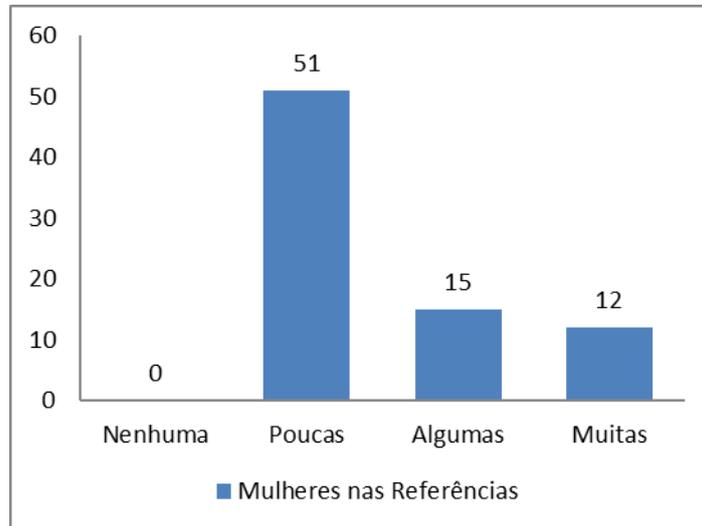


Fonte: Elaborada pela autora.

As orientações feitas por docentes mulheres são majoritariamente na área da Teologia Prática. No gráfico também é possível perceber que a área que tem menor produção feminina é a área bíblica, porém, curiosamente, a porcentagem de trabalhos nesta área (8%) é igual em ambas as pesquisas. Fazendo o comparativo com a pesquisa base, no gráfico das mulheres percebe-se que a porcentagem de produções na área da Teologia Sistemática caiu 4% e na área da Teologia

Prática teve um aumento de 4%. Já no gráfico de homens, tiram-se as seguintes comparações: a porcentagem de trabalhos na área de Teologia Bíblica também se manteve o mesmo, na área de Teologia Sistemática houve uma redução de 8% de produções e na área da Teologia Prática teve um aumento de 8%.

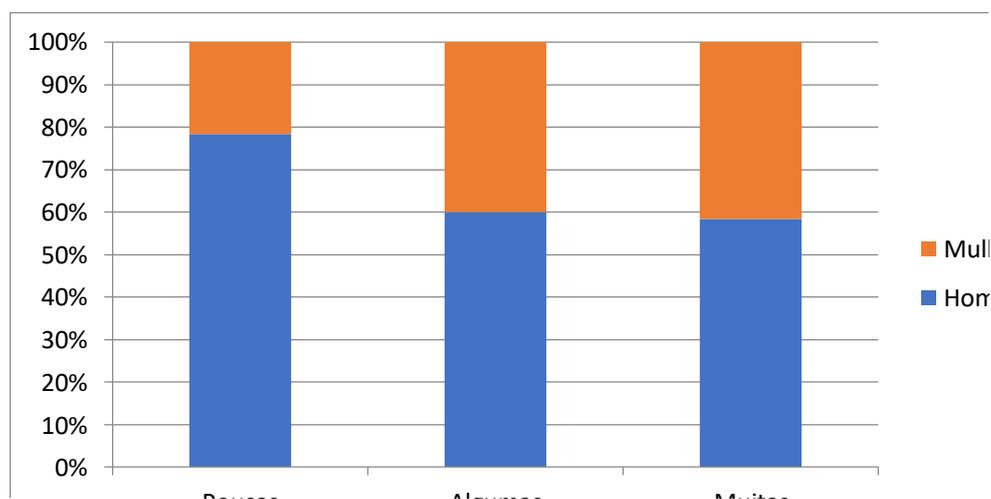
Figura 10: Gráfico mulheres nas referências.



Fonte: Elaborada pela autora.

Tratando de referências, um aspecto muito positivo, como já citado, é o fato de que não há nenhuma produção escrita a partir do ano de 2013 que não consta nenhuma mulher na bibliografia, diferentemente da pesquisa base, em que havia 13 trabalhos sem nenhuma mulher nas referências. A maioria dos trabalhos ainda têm poucas mulheres nas referências, como é possível ver no gráfico acima. Em compensação, o número de produções com algumas e muitas mulheres também tem aumentado significativamente.

Figura 11: Gráfico sobre quantidade de mulheres nas referências

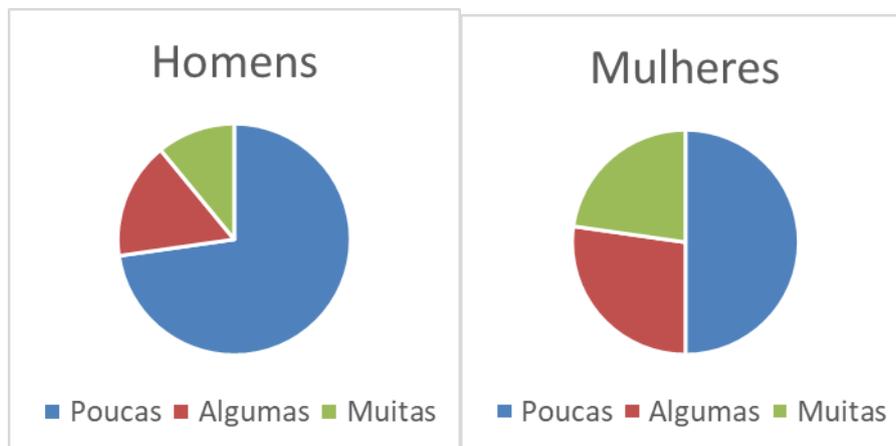


Fonte: Elaborada pela autora.



Em termos percentuais, estes dados se mostram assim:

Figura 12: Gráfico percentual sobre mulheres nas referências



Fonte: Elaborada pela autora.

Em comparação ao número de produções de mulheres e homens, é visível que ainda são as mulheres que usam mais bibliografia feminina. Das 12 produções com muitas mulheres nas referências, 11 delas são escritas na área da Teologia Prática, sendo 8 na área da Religião e Educação e as outras 3 na área da Teologia Feminista, além de uma produção na área de Teologia Bíblica.

Produção Teológica Feminista e/ou de Gênero

Para análise dos documentos, serão usadas as categorias já definidas na pesquisa base.

Figura 13: Tabela sobre produção teológica.

Pesquisa atual 2013 - 2017	Não feminista	Presença significativa de mulheres nas referências	Inclui discussão sobre gênero e/ou feminismo	Sobre gênero	Feminista e/ou de gênero
Dissertações	48 (62%)	8 (10%)	13 (17%)	4 (5%)	5 (6%)

Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 14: Tabela sobre produção teológica da pesquisa base.

Pesquisa base 1991 - 2012	Não feminista	Presença significativa de mulheres nas referências	Inclui discussão sobre gênero e/ou feminismo	Sobre gênero	Feminista e/ou de gênero
Dissertações	114 (47%)	27 (11%)	69 (28%)	8 (3%)	26 (11%)

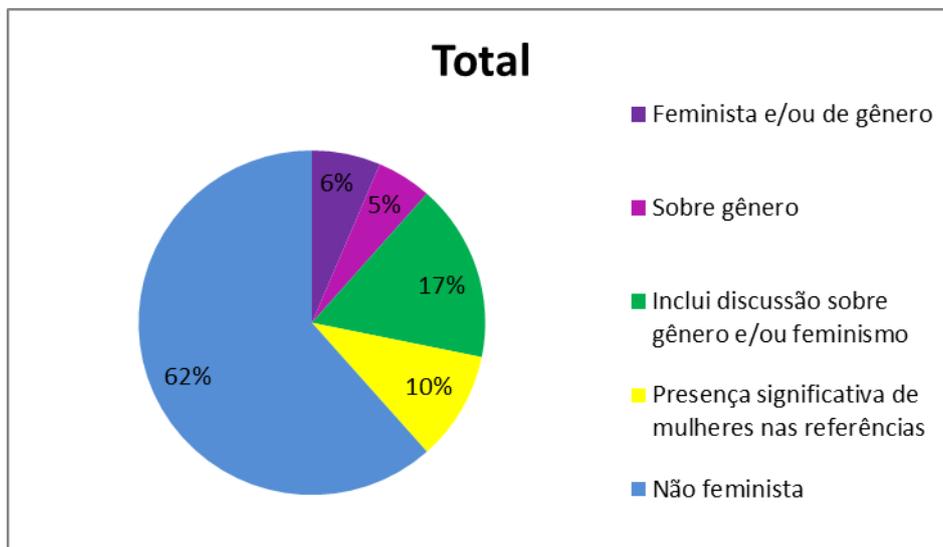
Fonte: Pesquisa base⁵.

⁵ MUSSKOPF, 2014, p. 103.



Graficamente, estes índices ficam assim organizados:

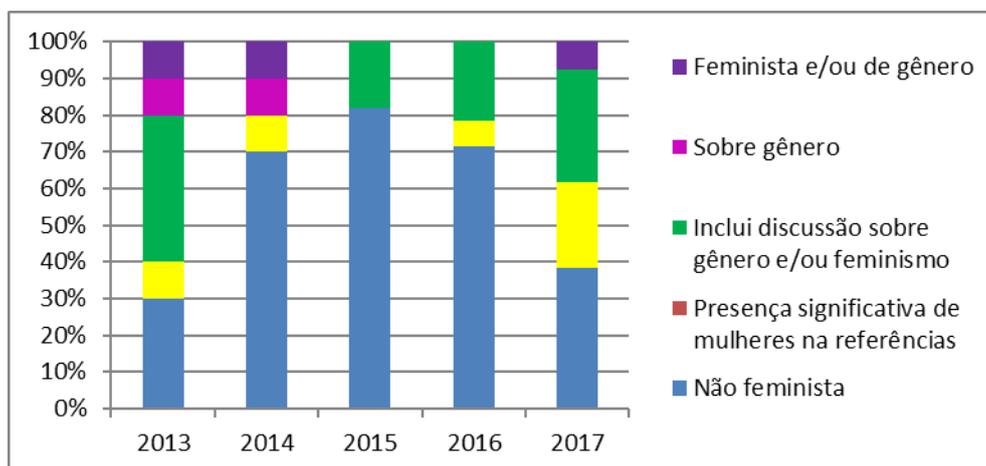
Figura 15: Gráfico sobre produção teológica



Fonte: Elaborada pela autora.

Em comparação com a pesquisa base, o número de produções não feministas aumentou em 15%, o que é um aspecto negativo, pois poderia se esperar uma diminuição de obras não feministas devido ao intenso trabalho do Programa de Gênero e Religião e a implantação da Política de Justiça de Gênero. Cronologicamente, as produções se mostram da seguinte forma:

Figura 16: Gráfico cronológico sobre produção teológica

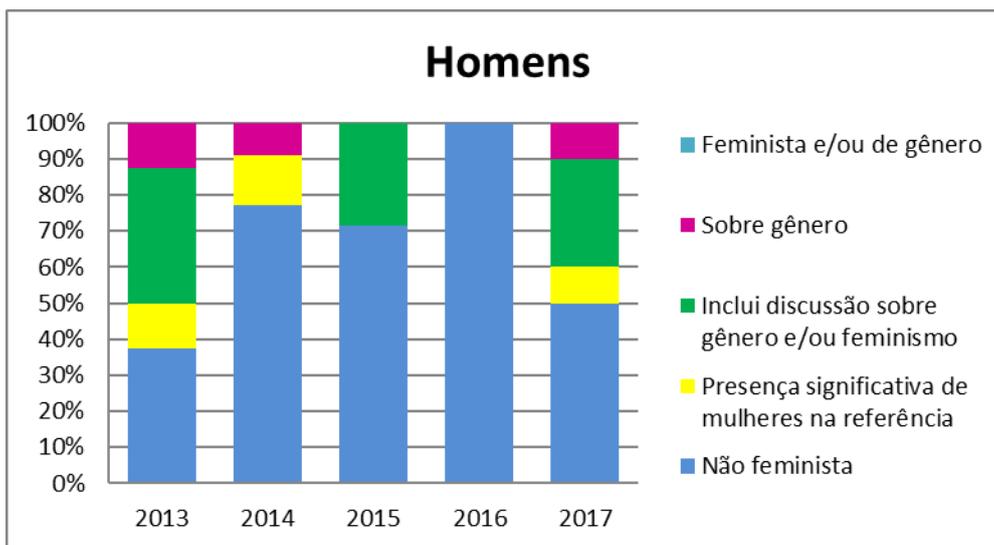


Fonte: Elaborada pela autora.

Em 2015, percebe-se que não há nenhuma obra feminista e/ou de gênero, nem sobre gênero e nem com presença significativa de mulheres nas referências, mas a partir desse ano o índice de trabalhos não feminista começa a diminuir e mais produções com presença significativamente de mulheres, que incluem o tema gênero e feministas e/ou de gênero voltam a aparecer com mais frequência.



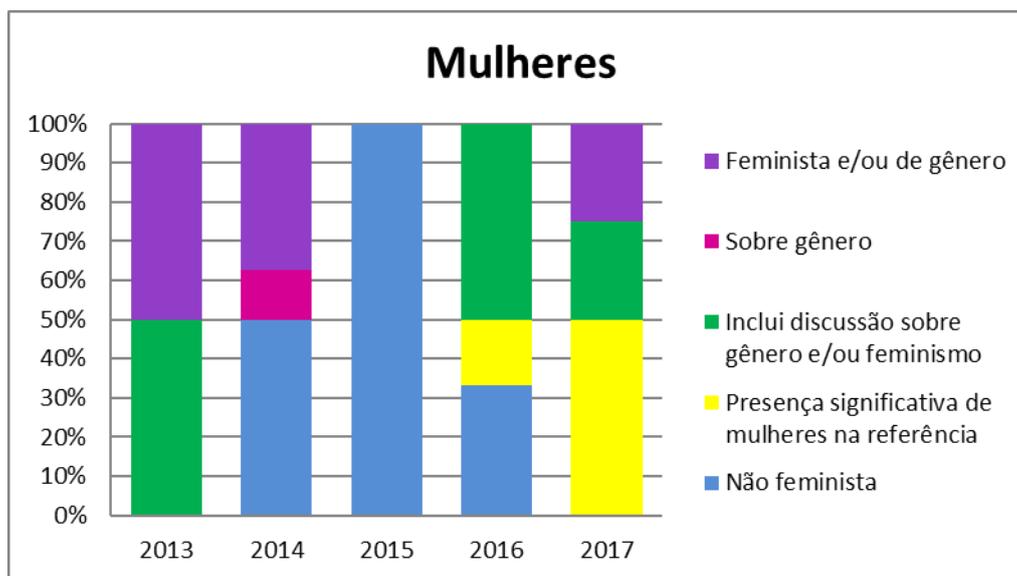
Figura 17: Gráfico homens e sua produção teológica



Fonte: Elaborada pela autora.

Os homens, como já dito, escrevem mais sobre temas não feministas, mas, tirando o ano de 2016, sempre há produções sobre, que incluem ou com mulheres nas referências.

Figura 18: Gráfico mulheres e sua produção teológica

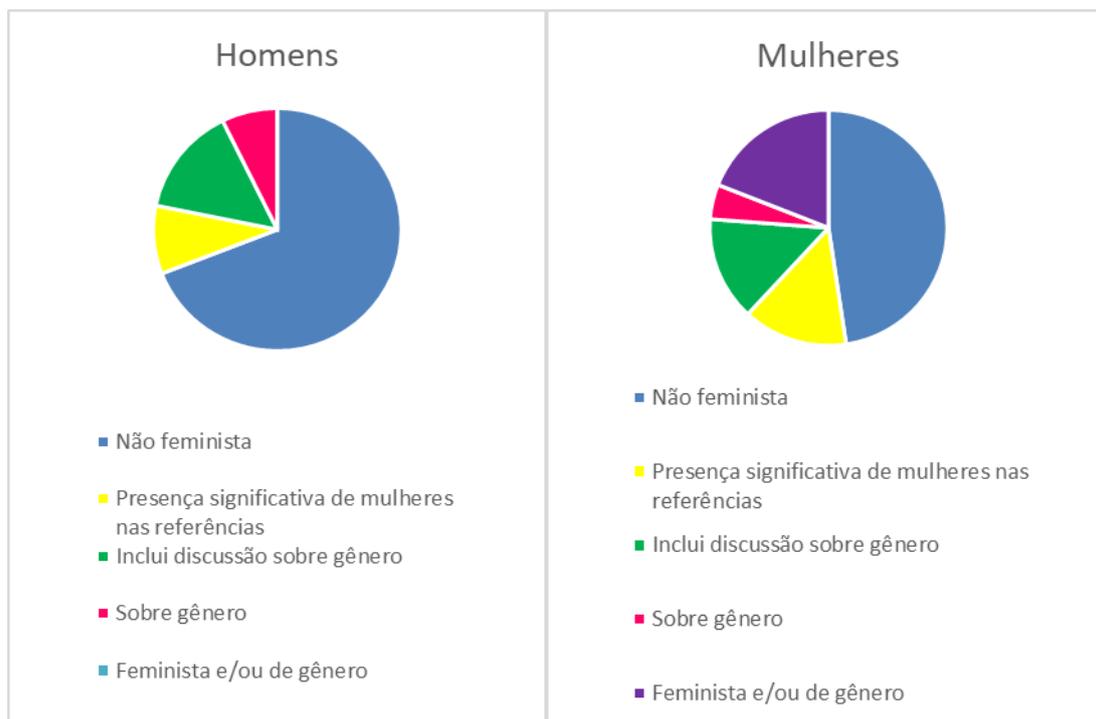


Fonte: Elaborada pela autora.

As mulheres são autoras de todas as 5 obras feministas e/ou de gênero que a pesquisa apresenta. No ano de 2015 consta apenas 4 produções, e todas elas são não feministas. Porém, é muito positivo o fato de que isso está mudando, conforme é possível perceber através do gráfico em que, no ano de 2017, não há nenhuma produção feita por mulheres que seja categorizada como não feminista.



Figuras 19 e 20: Gráfico percentual sobre produção teológica para homens e mulheres



Fonte: Elaborada pela autora.

No gráfico acima é possível perceber que as mulheres, mesmo com um número significativamente menor de trabalhos que os homens, são as que mantêm o alto índice de trabalhos com presença significativa de mulheres nas referências, que incluem discussão sobre gênero, sobre gênero e feministas e/ou de gênero.

Um dos aspectos da Política de Justiça de Gênero é a adesão à linguagem inclusiva, a qual define o uso de palavras neutras ou uso de forma masculina e feminina, tanto na escrita, quanto na fala. Como este não era um aspecto vigente na pesquisa base, analisamos os dados colhidos na pesquisa atual e percebemos a presença de 25 trabalhos com linguagem inclusiva. A existência dessas dissertações escritas com linguagem inclusiva é, também, uma influência da Política de Justiça de Gênero na instituição.

Dos 25 trabalhos com linguagem inclusiva, 23 foram escritos a partir do ano de 2014, ano em que a linguagem inclusiva se tornou a linguagem oficial da instituição.



Figura 21: Gráfico sobre linguagem inclusiva



Fonte: Elaborada pela autora.

Considerações finais

Portanto, percebemos que a implementação da Política de Justiça de Gênero tem gerado pequenos avanços na produção do Mestrado Acadêmico na Faculdades EST, como é perceptível nos últimos gráficos, mas, tem potencial para gerar resultados cada vez mais visíveis e latentes, tanto nas produções e linguagens, quanto nas atitudes, convívio e saberes e, assim, fazer com que a discussão sobre gênero esteja presente em nosso meio para que possamos continuar lutando por um mundo igualitário e justo para homens e mulheres, buscando a concretização total dos sete objetivos da Política de Justiça de Gênero.

Referências

MUSSKOPF, André S. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST. A construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

POLÍTICA de Justiça de Gênero na Faculdades EST. Disponível em <http://www.est.edu.br/ouvidoria/template/docs/Politica_Justica_de_Genero-final.pdf>.

[Recebido em: Maio de 2019/
Aceito em: Junho de 2019]